

RODRIGO ANDRADE



RODRIGO ANDRADE
paisagens recentes

texto *[text]*
Jacopo Crivelli Visconti

17 de agosto - 24 de setembro, 2016
[august 17 to september 24, 2016]

SIM GALERIA







ESTRADA DE TERRA VERMELHA óleo sobre tela sobre MDF oil on canvas on woodframe 60 x 90 cm 2016

UMA RELAÇÃO PESSOAL

“Uma pintura que se relaciona com a que achamos no mastro de um barco, numa ponte, numa chaminé; é o tipo de pintura que se faz ao ar livre, assobiando enquanto na superfície a nova camada de tinta cobre a velha, protegendo-a e dando-lhe brilho ao mesmo tempo. Tem algo alegre nisso, [...] uma sensação de estar envolvido em algum tipo de ação evidentemente física e significativa”¹. As palavras acima não foram escritas a respeito da obra de Rodrigo Andrade, e contudo a descrevem de maneira bastante precisa, principalmente no que diz respeito à ideia de um trabalho necessário e direto, e por isso mesmo “significativo”. Em mais de uma oportunidade, Rodrigo tem enfatizado, de maneira direta ou através de suas exposições, a relação íntima, quase simbiótica, do seu trabalho com o de pintores amadores², ao mesmo tempo colocando-se numa posição híbrida: “é possível ver a minha pintura como uma espécie de elo, de continuidade entre a pintura mais rala e vagabunda da Praça da República e Jasper Johns, que é o máximo de qualidade, de sofisticação, de tudo. Há uma vontade de colocar a pintura dentro de um âmbito que não está restrito à grande arte. Uma espécie de utopia democrática”³. É nessa aspiração a uma sofisticação ingênua que reside uma parte importante do fascínio das pinturas de Rodrigo Andrade. O que ele gosta, nas telas toscas dos pintores de domingo, cabe suspeitar, não é uma ideia de pureza algo abstrata e até retrógrada (no sentido da exaltação fascista de uma primigênia “pureza” do popular, que visa ao mesmo tempo apaziguar e manter em seu estado “primitivo” esse popular que exalta), mas a capacidade de atingir sem esforço a simplicidade e a economia das tarefas braçais, seus objetivos claros e diretos. A principal característica das pinturas que Rodrigo produz desde o final dos anos Noventa, independentemente da escolha pela abstração ou pela figuração, é o uso de camadas espessas de tinta, que sobressaem da tela ou, em outros casos, diretamente da parede, em formas geométricas (no caso das pinturas abstratas) ou de acordo com a imagem representada (no caso das figurativas). As paisagens, em particular, são produzidas através de um processo que ilustra perfeitamente o lugar incomum de Rodrigo Andrade nessa linhagem pictórica da qual ele fala (“da Praça da República a Jasper Johns”): o artista começa pintando de maneira relativamente convencional, geralmente a partir de fotografias feitas por ele mesmo, depois recobre a tela com um plástico transparente, que a continuação recorta parcialmente. Em seguida, prepara uma grande quantidade de tinta, até chegar na tonalidade escolhida, e a aplica nas partes desprotegidas da tela, de maneira rápida, com uma espátula. Finalmente, alisa com um rodo a superfície dessa camada uniforme de tinta, e por último retira o estêncil.

Não fosse pelo cuidado na preparação da tonalidade da tinta, as últimas etapas do trabalho poderiam ser comparadas às etapas de preparação de uma parede, no âmbito da construção civil, quando a superfície é rebocada e alisada, antes de receber a pintura: “A experiência física na realização dos meus trabalhos é intensa. Sinto dores musculares, exaustão. [...] O trabalho ganha uma dimensão hercúlea de proeza. E acho que essa proeza física, assim, dá dimensão concreta ao ato de fazer arte”⁴.

De certa maneira, o aspecto físico do trabalho fica mais explícito nas pinturas abstratas, e mais especificamente naquelas em que a tinta é aplicada diretamente na parede, tornando-se quase uma representação da própria ideia de quadro. Aplicadas em camadas monocromáticas e quase sempre num formato retangular, essas pinturas de parede, mesmo com todas as suas especificidades, não remetem à tradição do afresco ou mural, mas aludem diretamente ao quadro, e não por acaso têm sido “instaladas” com certa frequência em salas de museus, ao lado de retratos ou paisagens convencionais⁵. Nesse sentido, ao imitar o formato do quadro, elas operam, para além da sua fisicalidade, num âmbito conceitual, e poderiam ser comparadas a obras icônicas como os *Surrogate Paintings* do artista norte-americano Allan McCollum, por exemplo. O fato que essas obras não apareçam entre as numerosas referências citadas pelo próprio artista ou pelos críticos que têm escrito sobre seu trabalho explica-se, provavelmente, pela simples razão que as pinturas de Rodrigo operam desde dentro, por assim dizer, da própria pintura, e não desde um âmbito externo a ela, como costuma fazer a prática conceitual. Ao passo que brinca de subverter as convenções pictóricas clássicas, o trabalho de Rodrigo não busca tornar-se outra coisa: diferentemente dos *Surrogate Paintings*, suas pinturas nunca cessam de ser, exclusivamente, pinturas. E é exatamente por isso que, mesmo após ter começado a usar a imagem fotográfica como modelo para suas pinturas figurativas, o artista quase nunca recorre a imagens encontradas: “quando eu comecei essa fase de pintura fotográfica, imaginava que poderia me esbaldar com o mundo das imagens à disposição, como tantos pintores atuais, mas não foi isso que aconteceu. Apenas as fotos feitas por mim, com as quais guardava uma relação pessoal, viravam pintura”⁶. Ampliando esse raciocínio, parece possível afirmar que, na obra de Rodrigo Andrade, tudo é pessoal e único, até a maneira de olhar o mundo e as imagens, sempre pensando em como elas poderão tornar-se pinturas. Ao descrever a paisagem representada numa fotografia e que ele quer pintar, por exemplo, o artista já a vê, de fato, como pintura, ao ponto de falar da mata escura à margem do riacho como de uma massa “horizontal” (em referência ao movimento que o rodo terá que fazer sobre a tinta) e do reflexo do céu no riacho como “vertical”. Se as paisagens representadas são muitas vezes banais, então, isso não deve ser confundido com um desejo de isenção por parte do artista, como se

a cena representada lhe fosse, no fundo, indiferente. Pelo contrário, é como se algo o atraísse nessa banalidade ao ponto de justificar o esforço físico e mental de produzir a obra, de resgatar através da pintura exatamente essa do fluxo inexaurível de imagens que nos são apresentadas constantemente. A massa de tinta, seu peso e sua aparência extremamente particular são os instrumentos que Rodrigo usa para esse resgate, sem muitas explicações ou justificativas, apenas o desejo, ou talvez a necessidade, de instaurar uma relação pessoal.

Jacopo Crivelli Visconti

Notas

¹DANTO, Arthur C., *Between the Lines: Sean Scully on Paper*. “It is painting which is close of kin to that we find on ships’ masts, on bridges, on smokestacks; it is the kind of painting someone does in the outdoors, whistling, as the surfaces get covered with fresh paint over old paint, protecting and brightening at once. There is something cheerful about such painting, [...] a sense of being engaged in some immediately physical and meaningful action”.

² São significativas, nesse sentido, as exposições *O Jogo dos sete erros – Ranchinho e Rodrigo Andrade*, Galeria Estação, São Paulo, 2012 e *Praça da República*, Ateliê 397, São Paulo, 2015.

³ Entrevista a Thiago Mesquita, em *Resistência da matéria*, Cobogó, Rio de Janeiro, 2014, p. 91.

⁴ Entrevista cit., p. 137.

⁵ Por exemplo, nas exposições *Paredes da Caixa*, Caixa Cultural São Paulo, 2006 e *Rodrigo Andrade: óleo sobre*, na Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2010.

⁶ Entrevista citada, p. 90.





AUTO ESTRADA AO ANOITECER II óleo sobre tela sobre mdf oil on canvas on woodframe 60 x 90 cm 2016



ESTRADA NOTURNA óleo sobre tela sobre mdf *oil on canvas on woodframe* 60 x 90 cm 2016



CAMINHO NO MATO - NOITE AMERICANA óleo sobre tela sobre mdf *oil on canvas on woodframe* 60 x 90 cm 2016









MATO COM PEDRAS óleo sobre tela sobre mdf *oil on canvas on woodframe* 90 x 135 cm 2016



ESPELHO HOLANDÊS óleo sobre tela sobre mdf *oil on canvas on woodframe* 90 x 135 cm 2016



PAISAGEM COM REFLEXO NO RIO óleo sobre tela sobre mdf oil on canvas on woodframe 90 x 135 cm 2016



VISTA NOTURNA DE GHENT óleo sobre tela sobre mdf oil on canvas on woodframe 120 x 160 cm 2016





PAISAGEM DE NEVE COM ESTRADINHA óleo sobre tela sobre mdf oil on canvas on woodframe 120 x 180 cm 2016





PAISAGEM COM NEVE I e II óleo sobre tela sobre mdf *oil on canvas on woodframe* 18 x 24 cm 2015



PAISAGEM COM NEVE III e IV óleo sobre tela sobre mdf *oil on canvas on woodframe* 18 x 24 cm e 16 x 22 cm 2015





INTERIOR COM MÁQUINA DE JOGOS óleo sobre tela sobre mdf oil on canvas on woodframe 60 x 90 cm 2016

A PERSONAL RELATIONSHIP

"It is painting which is close of kin to that we find on ships' masts, on bridges, on smokestacks; it is the kind of painting someone does in the outdoors, whistling, as the surfaces get covered with fresh paint over old paint, protecting and brightening at once. There is something cheerful about such painting, [...] a sense of being engaged in some immediately physical and meaningful action"¹. The above words were not written about Rodrigo Andrade's artwork, yet they describe it very precisely, especially regarding the idea of a necessary and direct work, and therefore "significant". On more than one occasion, Rodrigo has emphasized directly or through his exhibitions the close relationship, almost symbiotic, of his work with amateur painters², while putting himself up a hybrid position; "you can see my painting as a kind of link of continuity between the shallow and poor painting of the Republic Square and Jasper Johns, who is the highest of quality, sophistication, everything. There is a will to put the painting within a framework that is not for great art. A kind of democratic utopia."³ In this aspiration to a naive sophistication, an important part of the fascination by Rodrigo Andrade's paintings lies. What he likes in the rough canvas of Sunday painters is to suspect, since it is not a pure idea of something abstract and even outdated (towards the fascist exaltation of a primordial "purity" of the popular, which aims at the same time appease and keep this exciting popular on a "primordial" state), but the ability to effortlessly achieve the simplicity and economy of menial tasks, their clear and direct objectives. The main feature of the paintings Rodrigo has produced since the late 1990s, regardless the choice by abstraction or by figuration, is the use of thick layers of ink, which protrude on the canvas or, in other cases, directly on the wall, as geometric shapes (in the case of abstract painting) or as the represented image (in the case of the figurative one). The landscapes, in particular, are produced through a process that perfectly illustrates the unusual place of Rodrigo Andrade in this pictorial lineage of which he speaks ("from the Republic Square to Jasper Johns"); the artist starts painting by a relatively conventional manner, usually from photographs taken by himself, after covering the canvas with a transparent plastic that the continuation partially cuts. Then he prepares a lot of ink, until he reaches the chosen shade and applies it on the unprotected parts of the canvas, quickly, with a spatula. Finally, he smoothes with a squeegee the surface of this uniform layer of paint and last he removes the stencil. Without the careful preparation of the tone of the ink, the latest stages of the work could be compared to the preparation steps of a wall at construction, when the surface is plastered and smoothed before receiving the painting: "The physical experience in the realization of my work is intense. I feel muscle pain, exhaustion. [...] The work takes a Herculean scale of achievement. And I think that physical prowess gives a concrete dimension to the act of making art"⁴.

In a certain way, the physical aspect of the work becomes more explicit in the abstract paintings, more specifically those in which the ink is applied directly to the wall, making it almost a representation of the idea of a canvas. Applied by monochrome layers and almost always in a rectangular shape, these wall paintings, even with all its specificities, do not refer to the fresco or mural tradition, but they directly allude

to the canvas and, not by chance, have been “installed” with some frequency in museum rooms, next to pictures or conventional landscapes⁵. In this sense, imitating the frame format, they operate beyond their physicality in a conceptual framework, and they could be compared to iconic works as *Surrogate Paintings*, by the American artist Allan McCollum, for example. The fact that these works are not among the many references mentioned by the artist or by critics who have written about his work is probably explained by the simple reason that Rodrigo’s paintings operate from within the painting itself, and not from an external context to it, as the conceptual practice usually does. While it makes fun of the classic pictorial conventions by subversion, Rodrigo’s artwork does not want to become something else; unlike the *Surrogate Paintings*, his paintings never cease to be exclusively paintings. That’s why that, even after starting to use the photographic image as a model for his figurative paintings, the artist almost never uses found images: “When I started this photographic painting period, I used to imagine I enjoy myself in the world of all the available images, like many current painters, but that is not what happened. Only photos taken by me, with which I have kept a personal relationship, turned into painting”⁶. Extending this reasoning, it seems possible to say that in Rodrigo Andrade’s work everything is personal and unique, even the way of looking at the world and images, always thinking how they can become paintings. Describing the landscape represented in a picture that he wants to paint, for example, the artist already sees it as painting, talking about the dark woods along the creek as a “horizontal” mass (referring to the movement the squeegee will have to do on the ink) and about the reflection of the sky in the stream as “vertical”. If the landscapes depicted are often trivial, it should not be confused with a desire for exemption by the artist, as if the represented scene were him nothing to him. On the contrary, it is like something that would attract him to the banality, justifying the physical and mental effort to produce the work, to rescue through painting exactly that inexhaustible flow of images that are presented to us constantly. The mass of ink, its weight and its very particular appearance are the tools that Rodrigo uses for this rescue, without much explanation or justification, only the desire or perhaps the need to establish a personal relationship.

Jacopo Crivelli Visconti

Notes

¹DANTO, Arthur C., *Between the Lines: Sean Scully on Paper*.

²For this idea, there are some meaningful exhibitions: “O Jogo dos sete erros [The 7 differences game] – *Ranchinho e Rodrigo Andrade*”, Galeria Estação, São Paulo, 2012 and “*Praça da República* [Republic Square]”, Ateliê 397, São Paulo, 2015.

³Interview to Thiago Mesquita, in *Resistência da matéria*, Cobogó, Rio de Janeiro, 2014, page 91.

⁴Quoted interview, page 137.

⁵For example, in the exhibitions *Paredes da Caixa* [Caixa’s walls], at Caixa Cultural São Paulo, 2006, and *Rodrigo Andrade: óleo sobre* [Rodrigo Andrade: oil on], at Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2010.

⁶Quoted interview, page 90.



NOTURNO - CENA URBANA óleo sobre tela sobre mdf oil on canvas on woodframe 40 x 70 cm 2016



ÁRVORE MORTA óleo sobre tela sobre mdf oil on canvas on woodframe 240 x 380 cm 2014



ESCULTURA ROMANA óleo sobre tela sobre mdf oil on canvas on woodframe 180 x 270 cm 2014



RODRIGO ANDRADE

Nasceu em São Paulo, 1962. Vive e trabalha em São Paulo.

Born in São Paulo, 1962. Lives and works in São Paulo, Brazil.

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS *[SOLO EXHIBITIONS]*

2016 Paisagens Recentes, SIM Galeria, Curitiba, Brasil

2015 Praça da República, Ateliê 397, São Paulo

2014 Pinturas de onda, mato e ruína, Galeria Millan, São Paulo

2013 Pinturas de estrada, Centro Universitário Maria Antonia, São Paulo

2012 Jogo dos sete erros, 10 pinturas e 10 versões (com Ranchinho), Galeria Estação, São Paulo

2011 Velha ponte de pedra e outras pinturas, Galeria Millan, São Paulo

2010 Matéria Noturna, 29ª Bienal Internacional de São Paulo

Óleo sobre, Pinacoteca do Estado de São Paulo

2008 Pintura para peixes e outras pinturas, Marília Razuk Galeria de Arte, São Paulo

2006 Paredes da Caixa, Museu da Caixa Cultural, São Paulo

Pinturas: seleção 99-06, Museu de Arte da Pampulha, Belo Horizonte

2005 Marília Razuk Galeria de Arte, São Paulo

2003 Passagem, Galeria 10,20 x 3,60, São Paulo

2002 Centro Universitário Maria Antonia, São Paulo

Marília Razuk Galeria de Arte, São Paulo

2001 Lanches Alvorada, intervenção em um bar de São Paulo

2000 Espaço de Arte MAM/Nestlé, São Paulo

Galeria Anna Maria Niemeyer, Rio de Janeiro

Projeto parede, MAM - Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo

1999 Marília Razuk Galeria de Arte, São Paulo

1998 Centro Cultural São Paulo, São Paulo

1997 Galeria Anna Maria Niemeyer, Rio de Janeiro

Galeria Casa da Imagem, Curitiba

1995 Galeria Camargo Vilaça, São Paulo

1994 Galeria Anna Maria Niemeyer, Rio de Janeiro

1992 Galeria Camargo Vilaça, São Paulo

1990 Desenhos, Centro Cultural São Paulo, São Paulo

1989 Galeria Rodrigo Mello Franco de Andrade, FUNARTE, Rio de Janeiro
Subdistrito Comercial de Arte, São Paulo

1986 Subdistrito Comercial de Arte, São Paulo

EXPOSIÇÕES COLETIVAS *[GROUP EXHIBITIONS]*

2016 Clube de Gravura - 30 Anos, MAM - Museu de Arte Moderna de São Paulo, Brasil

2015 Casa 7, PIVÔ, São Paulo

Uma Coleção Particular, Pinacoteca de São Paulo

Deserto Modelo, Herald St Gallery, Londres

Mato, Onda e Abstrato - 9 Gravuras, Art Basel Miami, Paragon Press, EUA

Pocket Exhibition, Galeria Millan, Art Basel Miami, EUA

2014 Arbeit Und Freundschaft, PIVÔ, São Paulo

Diálogos com Palatnik, MAM - Museu de Arte Moderna de São Paulo

Únicos, Galeria Carbono, São Paulo

2013 30 x Bienal, Pavilhão da Bienal, São Paulo

Múltiplos, Galeria Carbono, São Paulo

2012 Coleção do Fundo BGA, MUBE - Museu Brasileiro da Escultura, São Paulo

Lugar Nenhum, Instituto Moreira Sales, Rio de Janeiro

2010 Coletiva, Galeria Mendes Wood, São Paulo

2007 80/90 Modernos Pós Modernos etc, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo

2006 Acervo do MAM na Oca, São Paulo

Ao mesmo tempo o nosso tempo, MAM - Museu de Arte Moderna de São Paulo

Coletiva, Marília Razuk Galeria de Arte, São Paulo

Paralela, São Paulo

2005 Convidados do Panorama, Marília Razuk Galeria

de Arte, São Paulo

Panorama da arte brasileira, MAM - Museu de Arte de São Paulo

2004 Como vai você Geração 80, CCBB - Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro

Salão de Arte Contemporânea da Bahia - Prêmio Beth Lagardere, MAM - Museu de Arte Moderna da Bahia

2003 2080 - Arte nos anos 80, MAM - Museu de Arte Moderna de São Paulo

Rodrigo Andrade, Leda Catunda e Marco Giannotti, Galeria Ária, Recife

2002 20 ANOS 20 Artistas, CCSP - Centro Cultural São Paulo

A cor na pintura brasileira, MAM - Museu de Arte Moderna de São Paulo

Matéria Prima, Novo Museu de Curitiba

Nova Geometria, Galeria Fortes Vilaça, São Paulo

2001 O espelho cego - Coleção Marcantonio Vilaça,

MAM - Museu de Arte Moderna de São Paulo

O Espírito da nossa época - Coleção Dulce e João

Carlos F. Ferraz, MAM - Museu de Arte Moderna de São Paulo

2001 Rodrigo Andrade e Fabio Miguez, Galeria Bauhaus, Ribeirão Preto

2000 Desenho Contemporâneo, CCSP - Centro Cultural São Paulo
Doações Recentes, CCSP - Centro Cultural São Paulo

1999 United Artists, Casa das Rosas, São Paulo

1998 ARCO, Madrid, Espanha

Geração 80, MAC - Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Rio de Janeiro

O Moderno e o Contemporâneo na Arte Brasileira - Coleção Gilberto Chateaubriand, MASP - Museu de Arte de São Paulo

1997 Artistas Contemporâneos, MAC - Museu de Arte

Contemporânea de Curitiba

Doações Recentes - Coleção Ruben Breitman, MAM - Museu de Arte Moderna, São Paulo

1996 Coletiva, Galeria Camargo Vilaça, São Paulo

Mostra da Coleção João Leão Sattaminni, MAM - Museu de Arte Moderna de Niterói, Rio de Janeiro

Panorama de Arte Brasileira, MAM - Museu de Arte Moderna, São Paulo

1994 Galeria Camargo Vilaça, São Paulo

1992 13 Artistas Paulistas, MAM - Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro

1991 BR-80 Pintura Brasil, Galeria Itaú, São Paulo

Brasil - La Nueva Generación, Museu de Belas Arte de Caracas, Venezuela

Viva Brasil Viva, Ljilevachs Konsthall, Estocolmo, Suécia

1990 Prêmio Brasília de Artes Plásticas, Museu de Arte de Brasília

1988 Tendências Recentes, Centro Cultural São Paulo

1987 Entre Dois Séculos - Coleção Gilberto Chateaubriand, MAM - Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro

1986 6ª Bienal Interamericana, Cali, Colômbia

Bienal Latino-Americana de Arte sobre Papel, Museu de Arte Moderno de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina

Segunda Bienal de la Habana, Centro Wifredo Lam, Cali, Colômbia

1985 Arte na Rua II, São Paulo

Casa 7, MAC - Museu de Arte Contemporânea, São Paulo

Casa 7, MAM - Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro

VIII Salão Nacional de Artes Plásticas, Rio de Janeiro

XVIII Bienal Internacional de São Paulo

1984 II Salão Paulista de Arte Contemporânea - Prêmio Revelação Painéis, com Nuno Ramos e Paulo Monteiro, Paço das Artes, São Paulo

Pintura, Centro Cultural São Paulo

1983 Salão de Arte Contemporânea de Piracicaba - Prêmio Aquisição

1980 Gravura em Metal, Galeria Tenda, São Paulo

1979 Salão de Arte Contemporânea de São Jose dos Campos - Prêmio aquisição

PREMIAÇÃO *[AWARDS]*

2004 Bolsa Vitae de Artes Plásticas, Premio Beth Lagardere, Salão de Arte Contemporânea de Salvador

1985 Prêmio Aquisição - VIII Salão Nacional de Artes Plásticas, Rio de Janeiro, Brasil

1984 Prêmio Revelação - Salão Paulista de Arte Contemporânea, São Paulo, Brasil

1983 Prêmio Aquisição - Salão de Arte Contemporânea de Piracicaba, Brasil

1979 Prêmio Aquisição - Salão de Arte Contemporânea de São Jose dos Campos, Brasil

COLEÇÕES PÚBLICAS *[PUBLIC COLLECTIONS]*

CCSP - Centro Cultural São Paulo, São Paulo, Brasil

IFF - Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brasil

Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil

MAC - Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

MAM - Museu de Arte Moderna de São Paulo, Brasil

MAM - Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brasil

MAP - Museu de Arte da Pampulha, Belo Horizonte, Brasil

Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

Copyright © 2016
SIM Galeria

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer processo sem a prévia autorização por escrito do editor.
All rights reserved. No part of this publication may be reproduced by any process without prior written permission of the publisher.

RODRIGO ANDRADE

Edição *[Edition]*
SIM Galeria

Texto *[Text]*
Jacopo Crivelli Visconti

Organização e coordenação *[Organization and coordination]*
Laura e Guilherme Simões de Assis

Projeto gráfico *[Graphic Design]*
Dayanna Salles

Tradução e revisão dos textos *[Translation and proodreading]*
Daniel Falkemback

Fotos *[Photos]*
Everton Ballardin (exceto/*except* pgs 34, 35 e 39 Rafael Dabul e pgs 41 e 43 Eduardo Ortega)

Assistente de Rodrigo Andrade *[Rodrigo Andrade's assistant]*
Joaquim Pinkalsky

Agradecimento *[Acknowledgment]*
Galeria Millan

Capa *[Cover]*
Detalhe da obra “Auto Estrada ao Anoitecer” reproduzida na página 5
Detail of the work “Auto Estrada ao Anoitecer” reproduced on page 5

SIM GALERIA

Al. Presidente Taunay, 130 A
80420-180 | Curitiba | Pr
simgaleria.com

SIM GALERIA